

PROGRAMA TEACCH UMA ALTERNATIVA DE TRABALHO PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR DO AUTISTA: RELATO DE CASO

TEACH PROGRAM – AN ALTERNATIVE TO THE EDUCATION OF THE AUTISTIC: CASE REPORT

¹SILVEIRA, A. L.; ²CARVALHO, E. L. L.

¹²Departamento de Psicologia das Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo demonstrar o programa TEACCH – Tratamento e educação para autistas e crianças com déficits relacionados à comunicação. Este programa não se limita apenas aos aspectos cognitivos, mas, também proporciona maior autonomia para a vida do autista. É um programa que vem sendo estudado e implantado em toda área educacional como alternativa de atendimento e intervenção aos alunos da Educação Especial e também um desafio para o ensino comum, sendo que, a participação do indivíduo nesse programa possibilitará seu desenvolvimento cognitivo, motor, integração social e autonomia. A metodologia utilizada neste estudo foi uma pesquisa de campo, por meio de um relato de caso de um aluno autista, do sexo masculino, que hoje se encontra com vinte e sete anos. É formado em Redes de Computação e trabalha na APAE de Siqueira Campos PR como auxiliar de uma sala do programa TEACCH. Para obtenção dos dados foi realizada entrevistas com os profissionais da escola especial e das escolas regulares, com a mãe, terapeutas e professores de apoio. Foi realizado análise dos relatórios contidos no prontuário da escola. Por meio desse estudo pôde-se concluir que para que ocorra o pleno desenvolvimento das potencialidades do autista, é de fundamental importância à estimulação realizada pelos familiares associada à intervenção precoce em centros especializados e um ambiente estruturado. Esta parceria entre os profissionais especializados na educação, na clínica e no âmbito familiar, faz com que o indivíduo seja capaz de vencer suas dificuldades e desenvolver todo o seu potencial.

Palavras-chave: Programa TEACCH. Autista. Educação Especial.

ABSTRACT

This research aimed to demonstrate the program TEACCH - Treatment and Education For Autistic and Children with Communication-related deficits, this program is not limited only to cognitive aspects, but also provides greater autonomy for the life of the autistic. It is a program that has been studied and implemented in all educational area as an alternative to meet and intervene with special education students, and also a challenge to common education, with the participation of the individual in this program will enable its development cognitive, motor, social integration and autonomy. The methodology used in this study was a field research, by means of a case report of an autistic student, male, who is now with twenty-seven years. He has a degree in Computing and Networking and works at APAE of Siqueira Campos, PR, as a helper of the TEACCH program. To obtain the data were collected interviews with professionals in the special school and regular schools, with his mother, therapists and teachers. Analysis was conducted of reports contained in the school handbook. A conclusion was reached through this study that for the full development of the potentialities of the autistic, is of fundamental importance the stimulation by family members associated with an early intervention in specialized centers and a structured environment. This partnership between the specialized professionals in education, at the clinic and within familiar environment, causes the individual to be able to overcome their difficulties and develop their full potential.

Keywords: TEACCH Program. Autistic. Special Education.

INTRODUÇÃO

O programa TEACCH - *Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children*, que em português significa Tratamento e

Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados com a Comunicação, consiste em um programa de atendimento que envolve basicamente a psicologia comportamental e a psicolinguística. De acordo com Lewin e Leon (1995), o TEACCH auxilia na aquisição das habilidades de comunicação para que possam se relacionar com outras pessoas e, dentro do possível, permite dar condições de escolha para o aluno, bem como pode apoiar o autista a chegar à idade adulta com o máximo de autonomia possível (LEWIS; LEON, 1995).

A proposta de tratamento TEACCH se desenvolveu a partir de um grupo de abordagem psicanalítica da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill, para atender crianças com autismo (ou na época psicose infantil) e suas famílias no início da década de 60. Em 1966, o grupo contou com mais um membro da mesma universidade, Eric Schopler, que foi posteriormente fundador do TEACCH.

A intervenção era de base psicodinâmica partindo da premissa da origem psicogênica do distúrbio descrito por Leo Kanner, em 1943, em que o autismo representaria uma fuga intencional e esquizofrênica da realidade, partia de propostas terapêuticas que tratassem pais e crianças separadamente. Oferecendo a estas crianças liberdade total para que pudessem expressar seus sentimentos. No entanto, para este grupo de pesquisa, o que estava se alcançando não pareciam suficientes. Partiram, então, para um projeto de pesquisa envolvendo “basicamente a observação aprofundada e criteriosa dos comportamentos de crianças autistas em diferentes *settings* e frente a diferentes estímulos e propuseram a participação dos pais como elementos importantes de ajuda em todo este processo” (LEWIS; LEON, 1995, p. 233).

As autoras ressaltaram ainda que as intervenções terapêuticas não-estruturadas com orientação psicodinâmica não pareciam ajudar as crianças, pelo contrário, resultavam em um aumento tanto em frequência quanto em intensidade dos comportamentos mal adaptativos. Por outro lado, o tratamento em ambientes estruturados era benéfico na promoção do desenvolvimento e adaptação positiva destas crianças.

Segundo Schopler (1997 apud GIARDINETTO, 2005), a filosofia do TEACCH foi desenvolvida especialmente para apoiar os seguintes valores: colaboração entre pais e profissionais; avaliação individualizada e ensino estruturado.

O projeto, na sua prática, ocorreu desde seu início vinculado à universidade, onde continua até hoje na Divisão TEACCH da Carolina do Norte, porém, estendeu-se para a comunidade através da utilização nas escolas regulares, com a criação de classes para autistas. Hoje, o programa é aplicado em outros países como Bélgica, Inglaterra, Japão, Austrália, Israel e Brasil. No Brasil a sua utilização iniciou em março de 1991, no centro TEACCH Novo Horizonte em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

O TEACCH visa oferecer uma prática com pressupostos capazes de beneficiar intelectualmente o aluno, visto que este método não se limita apenas aos aspectos cognitivos, mas também proporciona maior independência. Ajudando-o a adquirir habilidades de comunicação para que possam se relacionar com outras pessoas e, dentro do possível dar condições de escolha para a criança, conforme Lewis e Leon (1995).

O programa TEACCH é abrangente, composto por várias abordagens, consiste em salas estruturadas visualmente com uso de objetos, símbolos, fotos, sinalizações, cartões com desenhos e cartões escritos; demonstrando o que se espera do aluno. (LOPES, 1997).

É importante salientar que para que possam ser alcançados os objetivos, deve-se manter a continuidade do tratamento, sem que ele seja interrompido ou suspenso ao longo do tempo. Caso haja necessidade de se fazer mudanças, as mesmas devem ser introduzidas de forma lenta e adaptativa.

O TEACCH nos revela que todos têm suas diferenças, atividades, necessidades e rotinas e estas devem ser analisadas de acordo com a especificidade de cada um.

Esta pesquisa teve como objetivo demonstrar o programa TEACCH – e sua aplicação em um indivíduo autista na Escola Antônio Paulo de Souza, APAE de Siqueira Campos (Pr).

MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa se constitui em relato de caso de um sujeito que recebeu o diagnóstico de autismo com potencial para a aprendizagem aos 4 anos de idade; a fim de, compreender o mesmo no particular e sua complexidade.

Foi realizada na APAE de Siqueira Campos, no estado do Paraná, como

procedimento para a coleta de dados foi utilizado relatórios contidos no prontuário do aluno e entrevista aos profissionais desta escola, dentre eles: os professores de sala de aula e de apoio, a psicopedagoga, a psicóloga, o médico e a mãe do caso estudado.

Primeiramente, a diretora da APAE e a mãe do caso estudado, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, garantindo o anonimato dos participantes desta pesquisa.

O objeto de estudo para o relato de caso é M. M. B., do sexo masculino, de vinte sete anos de idade. Tendo ingressado na APAE de Siqueira Campos com quatro anos e 11 meses em sala individual recebendo o Tratamento Educacional para Autista e criança com déficit na comunicação (TEACCH). O aluno, além do atendimento educacional, recebia atendimentos, fonoaudiológico, psicológico, terapia ocupacional e fisioterápico.

É importante salientar que embora o aluno tenha frequentado ensino comum concomitantemente ao ensino especial, todos os dados coletados foram obtidos por meio do prontuário e profissionais da escola especial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

M. M. B, do sexo masculino, de vinte sete anos e três meses de idade, recebeu o diagnóstico de Autista aos quatro anos de idade por apresentar comprometimento nas áreas de comunicação, de interação social e de comportamento, nesta ocasião foi matriculado na APAE de Siqueira Campos - Pr.

Segundo a professora que foi contratada na época para acompanhá-lo na adaptação, o aluno não tinha limite, queria fazer só o que bem entendia, tinha muita dificuldade de se comunicar fazendo birra e quando contrariado chegava a agredir quem estava por perto e apresentava apego excessivo a objetos, era muito agitado, sem noção de perigo, não fixava a atenção nas atividades, raramente sentava, permanecia fora da sala quase o tempo todo. Pronunciava apenas palavras isoladas e ecolalias, e não tinha noção do eu. No entanto, neste primeiro contato com o aluno, percebeu-se que o mesmo tinha potencial para aprender, embora recusasse a realizar as atividades que estavam dentro de sua capacidade intelectual.

A professora conta ainda, que um dos primeiros desafios foi trabalhar a falta de controle esfinteriano e a dependência nas AVDs (atividades de vida diárias). E que sua

resistência para novas aprendizagens e seu comprometimento na interação social eram bem acentuados.

Esses dados são confirmados por Gauderer (1993), que afirma que as alterações do comportamento do autista são acentuadas, manifestam-se e se instalam precocemente na infância. É uma síndrome formada por um conjunto de alterações do comportamento que, embora não sejam exclusivas do autismo, constituem uma constelação clínica, não integralmente reproduzida em nenhuma outra doença.

Na sua história pessoal constata-se que começou a manifestar tais comportamentos antes dos dois anos de idade e no início o seu isolamento era uma constante, parecia ausente em relação ao mundo exterior. A professora declara que a partir do momento em que aceitou o desafio de acompanhar o aluno, foi à procura de conhecimento.

Para Facion (2005) salienta que o diagnóstico não tem a finalidade de discriminar ou rotular o aluno, mas de ser um instrumento para o professor conhecer a realidade daquela pessoa e seus direitos de cidadão e, assim, planejar o atendimento educacional com proficiência, tornando-se um profissional mais seguro e flexível. Esse diagnóstico consiste na identificação da situação daquele aluno, do conhecimento das necessidades educativas especiais e das potencialidades. “A implantação da educação inclusiva exige arrojo e coragem, mas também prudência e sensatez, tanto na ação educativa quanto nos estudos e investigações” (FACION, 2005, p. 156).

A professora conta que no início o trabalho foi frustrante, dentro da escola de Educação Infantil, um semestre sem resultado, uma falsa inclusão, nem ao menos permanecia sentado na cadeira da sala com os colegas. Queria ficar só no parque da escola. Iniciam-se aí a busca por novas alternativas. Ao conhecer o TEACCH, surgiu uma esperança, foram dias de estudo, e em menos de um mês uma sala baseada no Método TEACCH estava montada dentro da escola especial, para um trabalho individualizado. O que poderia ter acontecido dentro da escola regular, onde o aluno continuou frequentando paralelamente.

Cunha (2012) nos lembra de que o profissional da educação precisa estar aberto ao novo e buscar sempre beneficiar o aprendizado de seu aluno, destaca ainda que o grande foco da educação deve estar no processo de aprendizagem e não nos resultados,

pois, nem sempre eles virão de maneira rápida como esperamos.

O trabalho realizado dentro do programa TEACCH deve ser um processo gradual, iniciando sempre do mais simples possível e de maneira a facilitar a realização pelo aluno, assim evitar as frustrações.

Segundo Lewin e Leon (1995), o TEACCH baseia-se em alguns princípios tais como: adaptação do ambiente às limitações da criança, elaboração de um plano de atendimento individualizado (mesmo que o aluno esteja inserido em uma turma), alteração da grade curricular de ensino, readaptação da avaliação e capacitação dos profissionais. É importante salientar que o programa inclui o trabalho com a família. Os autores referem que os problemas de conduta são minimizados pela adequação das atividades propostas ao nível de desenvolvimento do aluno e aos seus interesses. Os pontos de apoio do TEACCH são: uma estrutura física bem delimitada, com cada espaço para um determinado trabalho; atividades com sequências e que as crianças saibam o que se exige delas, uso direto de apoio visual. Conforme for reavaliando-se cada criança consegue-se ir mudando suas rotinas para que ela vá se desenvolvendo.

No caso em questão utilizou-se este método bem estruturado durante cinco anos dentro da APAE de Siqueira Campos, o qual foi sendo reorganizado. No início, durante pouco mais de um ano o trabalho foi em uma sala individual contendo uma estante com os materiais, estes materiais todos no concreto e semi-concreto, bem como um painel para a programação diária. Em seguida passou-se para uma sala maior, no qual continha quatro estantes cheias de materiais estruturados organizados em cestas ou recipientes de plástico transparente. Com o desenvolvimento do M.M.B., o atendimento passou a ser em grupo, a sala foi estruturada para atender até cinco alunos, com uma professora e uma auxiliar de sala. Contudo, mesmo em grupo cada programa é individualizado, respeitando a subjetividade de cada um.

O brincar é um ponto importantíssimo no programa TEACCH, apesar de ser uma das dificuldades da criança com autismo, pois, os brinquedos auxiliam como um canal de comunicação. Segundo Winnicott (1975), o brincar facilita o crescimento, e, portanto, a saúde, conduzindo aos relacionamentos grupais, sendo uma forma de comunicação.

M. M. B. sempre foi estimulado a brincar, individualmente e em grupo, sendo essa uma dificuldade acentuada, uma vez que o mesmo utilizava os brinquedos de maneira

diferente da habitual, por exemplo, ao invés de brincar de carrinho como outra criança, virava o carrinho para cima e brincava apenas com a rodinha. Apresentava apego aos objetos e sempre carregava um objeto de brinquedo, mas não brincava.

O mesmo tinha pouca habilidade de generalização, por isso sempre foi estimulado a generalizar sua aprendizagem. Também, constantemente era resistente a mudanças, neste aspecto procurava-se ensiná-lo em diferentes contextos. Um instrumento muito relevante para o trabalho terapêutico e educativo para além dos muros das salas foi o caderno da família (onde se descrevia as atividades realizadas e a serem realizadas), o qual ajudou muito como um excelente canal de comunicação, entre família, escola e terapias. Este ficava junto ao M. M. B., cada profissional ou a família tinha acesso fazendo ao mesmo, uso sempre que necessário. Aos profissionais era compromisso anotar algum episódio e comunicar o que estava trabalhando assim um auxiliava o outro e mesmo distante acontecia um trabalho em equipe. Muitas orientações foram feitas através destes cadernos, que foram utilizados até que o aluno entrou no ensino médio.

No TEACCH aplica-se a todos os indivíduos o treinamento para trabalhos simples ou semi/especializado, sendo criança, adolescente ou adulto. É importante que todos os responsáveis da pessoa estejam envolvidos no programa como: pais, família e profissionais.

Conforme visto, os indivíduos com autismo geralmente resistem à mudança, dentro deste aspecto significa que devemos sempre que possível ensinar em contextos (*settings*) variados, com materiais variados, para que nestas condições possamos ajudá-los a se tornarem mais flexíveis. É também importante ensinar as habilidades em seus contextos naturais, devido à limitada habilidade de generalização que possuem. “Sendo assim, esperamos ensinar atividades práticas no seu local original, o que leva o trabalho terapêutico e educativo para além dos muros das salas de aula e consultórios”. (KWE, 2006, p. 99).

Para o trabalho baseado no TEACCH, utilizou-se a agenda, que durante cinco anos foi no painel dentro da sala de aula, estruturada para o trabalho, através de cartões com desenho, fotos, símbolos e escrita.

Fonseca e Ciola (2014) mencionam que o ensino estruturado é uma intervenção na qual se baseia a filosofia TEACCH e que permite uma variedade de métodos

instrucionais e aplicação no dia a dia. A organização combina com a antecipação e a previsibilidade da rotina na proposta de dar à pessoa com autismo a clareza que precisa para se ajustar ao ambiente. As autoras trazem que Schopler, em 1994, demonstrou a importância de recorrer a uma abordagem mais estruturada para o ensino dos alunos com perturbações do espectro do autismo. As abordagens recomendadas são aquelas que usam apoios visuais, figuras, objetos e pistas desenhadas e escritas. O apoio visual ajuda os alunos a aprenderem a se comunicar e a desenvolverem o autocontrole e tudo isso os orientam na organização e na previsibilidade.

A psicóloga que acompanhou o M. M. B. informa que a utilização do ambiente e materiais estruturados, ou seja, a organização externa colaborou para a sua organização interna e no desenvolvimento da comunicação verbal e gestual.

Fonseca e Ciola (2014, p. 18) nos confirmam que:

O TEACCH é um modelo de intervenção que por meio de uma “estrutura externa”, organização de espaço, materiais e atividades, permite criar mentalmente “estruturas internas” que devem ser transformadas pela própria criança em estratégias e, mais tarde, automatizadas de modo a funcionar fora da sala de aula em ambientes menos estruturados.

As autoras salientam ainda que ao criar um sistema de orientação visual é importante determinar se este será fixo ou móvel. M. M. B. sempre utilizou os recursos do TEACCH, mesmo depois de deixar de frequentar a sala estruturada dentro da Educação Especial, passou a ter uma programação diária móvel, ou seja, uma agenda que preenchida para ele, que no decorrer do dia, ao realizar cada item proposto, o mesmo marcava um (X) a cada atividade finalizada. Atualmente, ele próprio anota a sua programação diária em uma agenda como qualquer pessoa organizada.

M. M. B além da educação especial, sempre frequentou paralelamente o ensino regular ao iniciar a 7ª série (8º ano), a equipe de profissionais que o acompanhava optou-se pela retirada da professora de apoio que o acompanhava em sala de aula, obtiveram sucesso e desde então o mesmo permaneceu apenas com sua professora particular que trabalhava com ele em casa, orientando as tarefas, trabalhos e estudando para as provas, com o objetivo de organizar sua vida escolar e ser uma ponte de comunicação entre a escola e o aluno, porém sempre utilizando o caderno da família.

Na escola o aluno era atendido nas aulas de apoio que eram oferecidas para todos os alunos. Suas avaliações eram realizadas primeiramente em classe, e caso não atingisse a média esperada era dada uma nova avaliação individual e oral em que o aluno se saia bem. Nesta nova avaliação o mesmo era estimulado por meio de orientações verbais pelo professor que o ajudava na interpretação do texto, considerando que M. M. B. é muito objetivo, não tem pensamento metafórico e subliminar, apresenta grande dificuldade de abstração e de comunicação, contudo, é inteligente e possui uma excelente memória.

Lembrando que os indivíduos com autismo respondem melhor às situações dirigidas do que às livres e também respondem mais consistentemente aos estímulos visuais que aos estímulos auditivos (APAÉ, s/d). Isto foi comprovado no decorrer dos relatos do caso de M. M. B.

O processo avaliativo sugerido pelo programa TEACCH auxilia a equipe multiprofissional, a monitorar o programa individual dos alunos, permitindo discussões das diferentes especialidades reunidas com o propósito de abranger o maior número de áreas a serem trabalhadas, por isso, é de vital importância à interação pais/terapeutas a fim de determinar o que/onde/quando/como e em que sequência os aprendizados devem ser realizados. Segundo Orrú (2011, p. 50). “O ambiente é totalmente manipulado pelo professor ou pelo profissional que atua [...]”.

Uma equipe de profissionais se fez necessária para o caso de M. M. B., o trabalho foi árduo e gradativo. O que Vatauvuk (1997) também confirma sobre a importância do trabalho em equipe.

As questões dentro do TEACCH propõem o modelo generalista. “Trata-se de uma visão de homem em desenvolvimento que vai além da doença e das especialidades a ponto de considerar o trabalho em equipe algo verdadeiramente transdisciplinar”. (FONSECA; CIOLA, 2014, p.16).

Gomes e Silva (2007, p. 3) nos contribuem afirmando que o TEACCH é um programa de aprendizado individualizado.

Neste método a programação individual de cada aluno é uma das ferramentas essenciais, pois possibilita o entendimento do que está ocorrendo, propicia confiança e segurança. As dificuldades de generalização indicam a necessidade de rotina clara e previsível. Indica ao estudante quais tarefas serão realizadas,

além de instrumento de apoio para ensinar o que vem antes, o que acontece depois, proporcionando o planejamento de ações e de encaminhamento numa sequência de trabalhos.

A diretora relata que este é um trabalho especial dentro da educação especial e que durante os vinte três anos de existência do TEACCH dentro da APAE de Siqueira Campos, nunca teve um aluno que não tenha se beneficiado positivamente com o programa, muitos casos são encaminhados para outra sala ou mesmo para outra escola devido aos excelentes resultados e, quando isso acontece são substituídos por alunos que se encontram em fila de espera.

Lopes (1997) traz que o TEACCH pode apoiar o autista a chegar à idade adulta com o máximo de autonomia possível. Ajudando-o a adquirir habilidades de comunicação para que possam se relacionar com outras pessoas e, dentro do possível dar condições de escolhas.

Segundo a mãe, o M. M. B. possui a carteira de habilitação o que muito auxilia na sua independência, passando em todos os testes na primeira tentativa, e afirma que todos os estímulos que recebeu a educação e tratamento baseado na estruturação do TEACCH, certamente lhe ajudaram. Foi muito bem nos testes psicotécnicos, que são baseados em figura e testes que utilizam as placas de trânsito e a prova objetiva, no entanto, seus familiares não o consideram um bom motorista, por seguir muito na risca todas as regras do trânsito.

Atualmente, trabalha com carteira assinada, recebe e administra seu próprio dinheiro, embora precise de supervisão devido sua ingenuidade e seu sonho é morar sozinho.

CONCLUSÕES

Por meio do presente estudo, pode-se observar que o Autista aprende melhor dentro de um ambiente estruturado e que é possível lançar mão de técnicas diversas, de acordo com a necessidade do aluno, ao longo do processo de aprendizagem.

Ao trabalhar com o autista é preciso construir um canal de comunicação e ter muita empatia para ensiná-los a funcionar inseridos em nossa cultura de forma o mais independente possível. O método TEACCH, vem trazer e dar respostas às necessidades dos autistas de todas as idades e níveis de funcionamento e também para auxílio dos pais e familiares, segundo Giardinetto (2005).

Pode-se concluir que o programa TEACCH ajudou, e ainda ajuda M. M. B. a adequar-se, dentro de suas possibilidades, aos meios familiar e social. Por meio de

técnicas comportamentais e a educação especial foi possível medir os ganhos, a melhoria do comportamento, a aquisição de hábito de trabalho e autonomia. Desta forma, infere-se que vale a pena investir em uma proposta estruturada e individualizada, como o programa TEACCH.

REFERÊNCIAS

- APAE. (s/d). **Método Teacch**: Tratamento e educação para autistas. Apae de Teófilo Otoni - MG. Disponível em: <<http://teofilootoni.apaebrasil.org.br/noticia.phtml/35955>>. Acesso em: 04 ago. 2016.
- CUNHA, E. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- FACION, J. R. **Inclusão escolar e suas implicações**. Curitiba: Ibpex, 2005.
- FELICIO, V. C. **O autismo e o professor**: um saber que pode ajudar. 2007, 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) UNESP, Bauru.
- FONSECA, M. E. G.; CIOLA, J. C. B. **Vejo e aprendo fundamentos do programa TEACCH**: o ensino estruturado para pessoas com autismo. Ribeirão Preto: Book Toy, 2014.
- GAUDERER, C. E. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento**. Brasília: CORDE, 1993.
- GIARDINETTO, A. R. S. B. **Comparando a interação social das crianças autistas**: as contribuições do programa TEACCH e do currículo funcional natural. Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR, 2005.
- GOMES, A. N.; SILVA, C. B. Software educativo para autistas de nível severo. In: **Anais...** do Congresso Internacional De Pesquisas Em Design, 4, 2007, Rio de Janeiro. Disponível em: <www.anpedesign.org.br/artigos>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- KWEE, C. S. **Abordagem transdisciplinar no autismo**: O programa Teacch. 2006, 110f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Fonoaudiologia), Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro.
- LEON, V.; LEWIS, S. M. S. Programa TEACCH. In: SCHARTZMAN, J. S.; ASSUMPÇÃO JÚNIOR, F. B. (Org.). **Autismo infantil**. São Paulo: Mennon, 1995. p. 233-263.
- LOPES, E. R. R. **Autismo**: trabalhando com a criança e com a família. São Paulo: Edicon, 1997.
- ORRÚ, S. E. **Autismo o que os pais devem saber?** 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

VATAVUK, M. C. Método TEACCH. In: ASSUMPÇÃO JÚNIOR, F. B. **Transtornos invasivos do desenvolvimento infantil**. São Paulo: Lemos, 1997. p.119-142.

WINNICOTT, D. W. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.